



EARLY VISUAL MEDIA LAB

C I C A N T

Nuno Borges de Araújo was born in Braga, Portugal, in 1959. He is an architect (FAUP, Porto). Since 1994, he has conducted research on the history of photography in Portugal from 1839 to 1910, developing nationwide, regional, and monographic studies. He is a PhD student in Communication Sciences at the University of Minho, focusing on the thesis theme "Photography and Visual Culture in Braga, 1853-1910.". ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1562-6423>

Corresponding Author

Nuno Borges de Araújo

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho (CECS-UM), Portugal.

E-mail: nunoborgesdearaujo@gmail.com.

**A FOTOGRAFIA
ESTEREOSCÓPICA
EM ANGOLA, 1869-1911:
UMA PRÁTICA COMERCIAL
IMERSIVA**

NUNO BORGES DE ARAÚJO

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do
Minho (CECS-UM), Portugal

**STEREOSCOPIC PHOTOGRAPHY
IN ANGOLA, 1869-1911:
A COMMERCIAL IMMERSIVE
PRACTICE**

Resumo

Este artigo explora a fotografia estereoscópica em Angola, entre os finais da década de 1860 e o início da década de 1920. Resumiremos a informação e as imagens que captam esta prática, o seu contexto e os temas retratados. As primeiras fotografias estereoscópicas de Angola foram tiradas por fotógrafos profissionais activos durante as décadas de 1860 e 1870. Um contribuinte significativo foi a família Cunha Moraes (embora possa não ter incluído o seu membro mais famoso, José Augusto da Cunha Moraes). Para além disso, havia José Nunes da Silveira, que também operava em Luanda. Para além destes dois estúdios, não encontramos outras evidências de fotografia estereoscópica em Angola durante este período inicial. O trabalho de Silveira nesta antiga colónia portuguesa começou em 1869, podendo ter terminado em 1878 ou antes. A produção estereoscópica da família Moraes está registada a partir de 1869, embora seja incerto se continuaram a trabalhar durante a década de 1880. Apesar de uma renovação do interesse pela estereoscopia na Europa e em Portugal no final da década de 1890 e no início do século XX, apenas se conhecem algumas imagens estereoscópicas deste período posterior, principalmente ligadas à família Cunha Moraes, sendo provável que tenham sido produzidas por um dos seus membros. São também referidos os trabalhos estereoscópicos menos conhecidos de João Lucas Carreira e João António Calleia.

Palavras-chave: *História da fotografia, Fotografia estereoscópica, Fotografia colonial, África, Angola, Portugal, Século XIX, Século XX.*

Abstract

This article explores stereoscopic photography in Angola from the late 1860s to the early 1920s. We will summarise the information and images that capture this practice, its context, and the subjects depicted. The earliest stereoscopic photographs of Angola were taken by professional photographers active during the 1860s and 1870s. One significant contributor was the Cunha Moraes family (though it may not include its most famous member, José Augusto da Cunha Moraes). Additionally, there was José Nunes da Silveira, who also operated in Luanda. Besides these two studios, we found no definitive evidence of stereoscopic photography in Angola during this initial period. Silveira's work in this former Portuguese colony began in 1869, potentially concluding by 1878 or earlier. The Moraes family's stereoscopic production is recorded from 1869 onward, though it remains uncertain if they continued this work throughout the 1880s. Despite a resurgence of interest in stereoscopy in Europe and Portugal at the close of the 1890s and into the early 20th century, only a handful of stereoscopic images from this later period are known, primarily linked to the Cunha Moraes family, with the likelihood that they were produced by one of its members. There are also mentions of the lesser-known stereoscopic efforts by João Lucas Carreira and João António Calleia.

Keywords: *History of photography, Stereoscopic photography, Colonial photography, Africa, Angola, Portugal, 19th century, 20th century.*

Introdução

Com este trabalho, pretendemos dar um contributo para o conhecimento da prática da fotografia estereoscópica de natureza comercial em Angola, desde finais de 1860 até ao final da primeira década do século XX¹. Trata-se de um tema escassamente tratado, ou mesmo ausente no contexto mais vasto do estudo da imagem fotográfica nesta ex-colónia². O texto não se ocupa da análise de imagens neste formato realizadas por fotógrafos, mas apenas do estudo do seu contexto de produção e comercialização.

Parece-nos importante esclarecer, para quem eventualmente o desconheça, que nos anos 60 do século XIX, do território de Angola reclamado pelos portugueses, o seu domínio efectivo ainda se reduzia às faixas costeiras entre Luanda e Ambriz, entre Benguela e Moçâmedes, com os seus portos comerciais, e o território que os ligava a algumas localidades não muito distantes, como Bembe e Ambaca ao norte, Caconda e Huíla ao sul, bem como ao curso inferior de alguns rios (Marques, 1976, vol. II, pp. 124-126). Mesmo estas áreas não traduzem um domínio real do território, mas unem um conjunto de locais onde havia presença mais ou menos permanente de portugueses. O resto do território era dominado pela população autóctone e a passagem dos portugueses tinha de ser permitida pelos chefes das tribos locais. Nalguns casos não era de todo permitida, pelo que a incursão nestes territórios implicava riscos sérios para

quem se atrevesse a fazê-lo. Esta informação é importante para entendermos porque é que neste período, salvo em casos excepcionais, a produção de imagens fotográficas de Angola, e estereoscópicas em particular, se limitou a estas áreas. As deslocações dos fotógrafos nestas faixas de território ocupado fizeram-se sobretudo de barco e entre as referidas localidades, para norte e para sul de Luanda, e subindo a partir da foz no curso de alguns rios, quer no exercício da sua actividade profissional, em negócios, ou por motivos de natureza pessoal.

A fotografia estereoscópica em Angola está documentada na prática de dois estúdios fotográficos profissionais entre o final de 1860 e a década de 1890. Curiosamente, ambos os fundadores destes estúdios foram de Portugal para Angola pelo mesmo motivo: a condenação ao degredo por falsificação de moeda. O primeiro foi Abílio da Cunha Moraes, maquinista, relojoeiro e gravador, que residia em Coimbra, e o segundo José Nunes da Silveira, fotógrafo, então residente em Lisboa. As fontes documentais a que tivemos acesso são escassas e algumas das imagens são difíceis de datar e de atribuir a sua autoria.

As imagens estereoscópicas realizadas por ambos os estabelecimentos constituía apenas uma parte menor da sua produção fotográfica, permitindo aos que adquirissem estas imagens uma visão tridimensional e imersiva dos temas angolanos tratados. Entre 1860 e 1870, a sua produção e

1. Da nossa investigação sobre esta matéria resultou uma comunicação que apresentamos em 2020 (21 de Fevereiro) com o título *19th-century Angola in the stereoscopic images of photographers Moraes and Silveira*, apresentado com imagens em 3D na conferência *Photo Impulse goes stereo* (Universidade Nova / Universidade Lusófona, Lisboa).

2. Dias, 1988; Heintze, 1990; Monti & Vicente, 1991; Castelo Branco, 2006; Serén, 2006; Vicente & Ramos, 2023.

consumo já era corrente e muito apreciada nos países europeus bem como noutras partes do mundo onde as novidades e o modo de vida da civilização ocidental chegaram rapidamente, tendo um mercado próprio que justificava a sua produção. A sua produção foi da iniciativa dos próprios fotógrafos, não se tratando de encomendas institucionais. A motivação de produzir imagens das colónias era não só documentá-las e divulgá-las entre os colonos, mas sobretudo nas metrópoles coloniais onde eram visualmente desconhecidas da maioria dos portugueses, a quem apenas chegavam notícias escritas nos periódicos, em livros e revistas, raramente com escassas e por vezes imaginativas gravuras, e em relatos pontuais de quem vivia ou tinha visitado esta colónia.

Nos temas estereoscópicos dominavam as realizações portuguesas que demonstravam o esforço de ocupação civilizadora: as cidades edificadas, os edifícios públicos, religiosos e privados, as fazendas agrícolas, as feitorias, mas também os lugares naturais de referência, pela sua beleza e imponência, onde com frequência aparecem quer colonos quer colonizados numa interação predominantemente laboral. Também foram retratados os membros da sociedade indígena, num registo variável ou mesmo de difícil definição entre a abordagem etnográfica, onde se tentava identificar “tipos e costumes”, a socio-cultural e mesmo a

antropológica, permitindo um conhecimento visual das etnias locais e suas práticas. A sociedade multicultural que resultava de séculos de contactos e interações também se encontra representada.

Os fotógrafos Cunha Moraes, Luanda 1869 - ca.1890

Abílio Simões da Cunha Moraes (1824-1871)³, professor do ensino primário, foi acusado e detido em 1852 como falsificador e passador de moeda. Apesar das provas do crime, foi ilibado pelo júri em duas audiências realizadas no ano seguinte, o que provocou uma indignação geral. Mais tarde, trabalhando já como maquinista, relojoeiro e gravador, veio a reincidir no mesmo crime, tendo sido novamente preso em 1862. Condenado a trabalhos públicos perpétuos, por acordão da Relação do Porto, de 13 de Julho desse ano, a sua sentença foi comutada por indulto régio a 16 de Outubro, para o degredo na África Ocidental por quinze anos. No ano seguinte partiu para Angola a bordo do vapor D. Antónia, da Real Companhia União-Mercantil, tendo chegado a Luanda a 25 de Setembro de 1863 (Pereira, 2001, pp. 80-82)⁴. A sua mulher, os filhos, e o irmão Clemente também partiram para Angola (Pereira, 2001, pp. 82-83). Este colaborou na sua oficina como aprendiz e em 1866 tornou-se seu sócio. Em finais de 1867, Abílio Moraes terá iniciado a

3. Abílio Simões da Cunha Moraes nasceu 2 de Dezembro de 1824 no lugar de Adões, freguesia de Barcouço, concelho da Mealhada. Filho de Lucas Simões da Cunha e de Francisca Alves [de Moraes] (Arquivo Distrital de Aveiro. Livro de baptismos de Barcouço, Mealhada, n.º 4, fl. 11; *Boletim Oficial do Governo Geral da Provincia de Angola*, (1871, 8 Abril) 14, 165. Foi acusado de falsificação de moeda e preso em 1852, sendo o processo anulado em 1853, alegadamente por falta de provas. Novamente julgado em 1854 e preso em 1856 na Cadeia da Relação do Porto, foi enviado para Coimbra no ano seguinte (Pereira, 2001, pp. 60-82).

4. *O Conimbricense*, (1862, 28 Outubro) 914, 2-3; *Boletim Oficial do Governo Geral da Provincia de Angola*, (1863, 26 de Setembro) 39, 327; (1863, 3 de Outubro) 40, 332.

prática da fotografia no seu estabelecimento de “maquinista” e relojoeiro, na rua da Motamba, ao fundo da Calçada Velha, a partir de onde anunciou tirar retratos e vender *stereoscopos* e vistas⁵. Não é claro se já eram estereoscopias da sua autoria ou se nesta data apenas comercializava estereoscopias de outros fotógrafos. Em Março do ano seguinte, a *Photographia de Abílio S. C. Moraes* continuava activa em Luanda⁶. Nesta data, Clemente desentende-se com o seu irmão, deixa a sociedade e regressa a Coimbra (Pereira, 2001, p. 85)⁷.

Em Maio de 1868, um jornalista de Luanda afirmou ter visto um retrato «bem tirado na photographia do sr. Abílio Simões da Cunha Moraes»⁸. Na mesma data um fotógrafo não identificado anunciou em Luanda tirar «Retratos aproximados à perfeição dos da Europa [...] ao fundo da calçada velha» (ou de Santo António) na «casa de sobrado encarnada». A localização e descrição do seu estabelecimento corresponde ao de Abílio Moraes. Dizia ainda que os retratos «já não desaparecem, e repetem-se gratuitamente os que tiverem desaparecido»⁹, o que revela que, enquanto principiante teve algumas dificuldades técnicas na fixação das imagens fotográficas.

Em Setembro de 1869 enviou ao jornal *O Conimbricense* a seguinte informação: «Tenho feito alguns estudos

photographicos, sendo um dos fins que tenho em vista, poder transmittir aos meus patricios a pintura dos mais importantes edificios, paisagens e pontos importantes do Zaire até Mossamedes, possessão portugueza». O interesse deste trabalho residia no facto, comentado pelo redactor do periódico, que «as nossas possessões de Africa são entre nós muito pouco, ou nada conhecidas; e por isso offerece-se agora aos curiosos o ensejo de possuirem vistas dos sitios mais pittorescos daquelle paiz». Juntamente com a carta, Abílio Moraes enviou algumas amostras das suas primeiras imagens estereoscópicas e em meia placa, queixando-se de que ainda não dispunha do equipamento adequado para as tirar com a qualidade desejada. Estas vistas pertenciam à primeira série de vinte imagens estereoscópicas, com costumes e vistas (gerais e parciais) de Luanda. Abílio pediu ao redactor d'*O Conimbricense* que promovesse assinaturas para estas séries, que venderia no formato estereoscópico e em meia placa a 300 reis cada, podendo enviar para Portugal continental três ou quatro imagens por mês, encargo que o periódico aceitou¹⁰. O texto publicado parece confirmar que pretendia fazer e comercializar vistas monoscópicas e estereoscópicas dos mesmos temas, pelo mesmo preço, e que nesta data a sua capacidade de produção ainda era muito limitada. Nas suas fotografias em formatos convencionais usou o carimbo seco *Loanda - Photographia de / Abilio S. C. Moraes* (Pereira, 2001, pp. 84-85).

5. *Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola*, (1867, 14 de Dezembro) 50, 602.

6. *A Civilização da Africa Portuguesa*, (1868, 12 de Março) 56, 222.

7. *A Civilização da Africa Portuguesa*, (1867, 3 de Janeiro) 5, 20; (1867, 10 de Janeiro) 6, 24; (1867, 17 de Janeiro) 7, 28; *Boletim Official do Governo Geral da Provincia de Angola*, (1867, 9 de Junho) 23, 195.

8. *A Civilização da Africa Portuguesa*, (1868, 13 de Maio) 66, 261.

9. *A Civilização da Africa Portuguesa*, (1868, 13 de Maio) 66, 262.

10. *O Conimbricense*, (1869, 14 de Setembro) 2310, 3.

Abílio Moraes veio a falecer passado pouco mais de um ano e meio em Luanda, a 28 de Março de 1871¹¹. Os seus herdeiros mantiveram o seu estabelecimento em actividade, passando a usar nas imagens fotográficas as designações comerciais de *Viúva Moraes e Filhos* ou *Photographia de Viúva Moraes & Filhos* (Pereira, 2001, pp. 84, 93, 115-116)¹². Após a morte de Abílio, o seu irmão Clemente terá regressado a Luanda para trabalhar como relojoeiro¹³, provavelmente para auxiliar os sobrinhos e a cunhada na manutenção do seu estabelecimento. A viúva Carolina da Conceição sobreviveu pouco tempo ao marido, falecendo a 28 de Dezembro do mesmo ano¹⁴, e deixando cinco filhos órfãos. Como filho mais velho, apesar de ainda ser menor¹⁵, terá sido Augusto César da Cunha Moraes (1852-1939)¹⁶ quem terá assumido a responsabilidade da manutenção do agregado familiar mantendo em funcionamento o estabelecimento paterno, provavelmente com o apoio do seu irmão José Augusto e do seu tio Clemente¹⁷. Uns meses após o falecimento do pai, Augusto César, dando continuidade à divulgação do trabalho fotográfico por ele iniciado, enviou ao jornal *O Conimbricense* um conjunto de

fotografias nas quais se incluem nove vistas estereoscópicas de Luanda:

«- 1.ª Vista da cidade baixa de Loanda, quasi toda - 2.ª Quartel dos officiaes, o qual antigamente serviu de observatório - 3.ª Quartel de caçadores 3 - 4.ª Vista da inauguração da estatua do celebre governador da provincia de Angola, Pedro Alexandrino da Cunha - 5.ª Vista da Sé (egreja de Nossa Senhora dos Remedios) e parte da ilha de Loanda - 6.ª Rua da Matamba - 7.ª e 8.ª Grupos de pretas na mesma rua - 9.ª Galleria photographica, fundada pelo sr. Abilio Simões da Cunha Moraes, [...]»¹⁸.

Em Janeiro de 1872, o estabelecimento fotográfico familiar ainda usava a designação de *Photographia de Viúva Moraes e Filhos* ou mais simplesmente *Viúva Moraes e Filhos* (Pereira, 2001, pp. 84 e 93)¹⁹. Supomos que pouco tempo depois as fotografias estereoscópicas deste estabelecimento passaram a ser montadas em cartões amarelos (frente e verso)

11. *Boletim Oficial do Govêrno Geral da Provincia d'Angola*, (1871, 8 de Abril) 14, 165.

12. Centro Português de Fotografia. Cartão de visita de acontecimento no Largo Pedro Alexandrino (PT-CPF-CAY-000007_f_m0001). <https://dígitarq.cpf.arquivos.pt/details?id=1225696>.

13. Arquivo da Universidade de Coimbra. Governo Civil de Coimbra. Registo de Passaportes, tomo I, fl. 133, reg. n.º 1013; *A Civilização da Africa Portuguesa*, (1867, 3 de Janeiro) 5, 20; (1867, 10 de Janeiro) 6, 24; (1867, 17 de Janeiro) 7, 28.

14. *Boletim Oficial do Govêrno Geral da Provincia d'Angola*, (1872, 20 de Janeiro) 3, 21.

15. Augusto César tinha 19 anos de idade, mas então a maioridade era aos 21 anos.

16. Augusto César nasceu a 23 de Novembro de 1852 na residência paterna na rua da Moeda, em Coimbra (Arquivo da Universidade de Coimbra. Livro de baptismos de Santa Cruz de Coimbra de 1848-1855, fls. 92v-93), e faleceu a 31 de Janeiro de 1939, em Vila Nova de Gaia (Testamento público de Augusto César da Cunha Moraes. Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner - C. M. de Vila Nova de Gaia. Registo de testamentos, l.º 130, fl. 5v).

17. José Augusto tinha então 16 anos de idade; *O Conimbricense*, (1872, 3 de Janeiro) 2550, 3.

18. *O Conimbricense*, (1872, 3 de Janeiro) 2550, 3.

19. Ver nota 18.

ou beje, com a marca «A. C. C. Moraes & Irmãos / Loanda» impressa do lado esquerdo, e «Africa Occidental / Angola» do lado direito. Com estas características conhecemos vistas estereoscópicas dos empreendimentos agrícolas da Colónia de S. João²⁰ e da Colónia Palmira, ambas no Cazengo, e da Fazenda Bom Jesus²¹ (Figs. 1-2). Mostram-nos os edifícios construídos, os trabalhadores indígenas, as colheitas de café e as plantações de bananeiras.

Noutras imagens que parecem ser deste período inicial, há apenas uma legenda e um número escrito à mão no verso (amarelo ou cinzento) do cartão amarelo, directamente ou em papel colado, com diversas grafias. A numeração supera as 300 imagens. Nalguns casos de imagens Pungo Andongo foi inscrita uma numeração no próprio negativo. São vistas de diversos locais de Angola que, além do referido, incluem Luanda, Novo Redondo, Ambriz, Cazengo, Quicombe, etc. (Figs. 3-5).

Da autoria dos Cunha Moraes existem ainda imagens estereoscópicas coladas em cartões amarelos, com o carimbo seco «Moraes / Loanda», cuja datação não é clara para nós (Fig. 6). Também levanta dúvida a datação de uma edição de estereoscopias deste estabelecimento fotográfico coladas sobre cartões laranja (com verso da mesma cor ou beje ou amarelo), tendo na frente carimbos de tinta com letra gótica e as inscrições «Moraes» e «Phot», e no verso uma etiqueta

de papel branco colada com o número e a legenda da imagem impressa. O número mais alto que conhecemos nesta série é o 394. Certamente a maioria datará deste período de actividade anterior a meados dos anos 70, mas não excluímos a possibilidade de algumas delas terem sido feitas em data posterior ao regresso de José Augusto da Cunha Moraes, com adiante veremos.

Num anúncio publicado no início de Maio de 1874 Augusto César da Cunha Moraes e seus irmãos anunciaram que «tencionando retirar-se para o reino temporariamente, vendem parte da sua ferramenta de photographia, relojoaria, gravura, serralharia, fundição, torno, mercenaria e ourivesaria, cobre, zinco, latão, ferro, aço etc. Também trespassam a officina e seus pertences com rasoaveis condições.»²². Não estando obrigados a permanecer em Angola, a sua intenção deveria ser a de obter meios que lhes permitissem o regresso ao continente e financiar o seu sustento e estudos. Pouco tempo depois, um articulista d'*O Conimbricense* noticia que viram «uma rica e numerosa colecção de vistas photographicas para stereoscopo, tiradas em Angola pelos nossos amigos, os srs. Augusto Cesar da Cunha & Irmão»²³, e comentam que não sabem o que mais devem «admirar, se a belleza dos pontos naturaes daquele paiz, se a maneira perfeitissima como foram reproduzidos pelos habéis artistas nossos patricios. Os srs. Moraes & Irmão mostram ser uns distinctos artistas, quer em photographia, quer em gravura, e em muitos outros

20. Col. João José P. Edward Clode.

21. Col. Luís M. Pereira.

22. *Boletim Official do Gôvêrno Geral da Provincia d'Angola*, (1874, 2 de Maio) 18, 214.

23. Nesta notícia coimbrã apenas se menciona um irmão de Augusto César, provavelmente referindo-se a José Augusto, uma vez que Joaquim Júlio e Alfredo Adelino ainda eram bastante novos.



Fig. 1 A. C. C. Moraes & Irmãos (Luanda) - Plantação de S. João, Cazengo. Col. João J. E. Clode.



Fig. 2 A. C. C. Moraes & Irmãos (Luanda) - Plantação de S. João plantation, Cazengo. Col. João J. E. Clode.



Fig. 3 Moraes (atrib.) - Fortaleza de S. Miguel de Luanda. Col. Luís M. Pereira.



Fig. 4 Moraes (atrib.) - Novo Redondo (Sumbe), vista da igreja, Angola. Col. Luís M. Pereira.



Fig. 5 Moraes (atrib.) – Rio Quicombo (ou Loge?) . Col. Luís M. Pereira.



Fig. 6 Moraes (Luanda) – Escritório. Col. Luís M. Pereira.



Fig. 7 Jeannest, 1883, fl. à parte (pp. 44-45): Rio Loge, Ambrizette / Moraes (atrib.) - Rio Loge, ca. 1869-1872. Meia estereoscopia (ex-col. Charles Jeannest).

expos fotografias e desenhos obtidos no Congo e Angola na Exposição Universal de Paris, no Palácio do Trocadero²⁹, e escreveu o livro de memórias *Quatre années au Congo*, ilustrado com desenhos que tudo indica serem na sua maioria feitos a partir das referidas meias estereoscopias (Fig. 7).

Chegados a Portugal continental, os irmãos Moraes foram estudar para o Porto. Augusto César fez o curso da Escola Industrial e o curso de Engenharia pelo Instituto Comercial e Industrial do Porto (Pereira, 2001, p. 116; Teixeira, 2017, p. 75). Irá permanecer no norte de Portugal, onde será bem sucedido nos seus negócios e projectos industriais, primeiro como director da Companhia de Fiação de Crestuma, em Vila Nova de Gaia (1878-1883), e depois construindo próximo desta a *Fábrica* de balões venezianos (1890-) (Teixeira,

2017, p. 75) e de *fitas de algodão* (1896-) (Teixeira, 2017, pp. 45, 75).

José Augusto da Cunha Moraes (1855-1932)³⁰, pouco depois de atingida a maioridade, regressou a Luanda para tratar dos assuntos familiares (Pereira, 2001, p. 173). No início de Setembro de 1877 um J. A. Moraes, que supomos ser ele, chegou a Luanda, vindo de Lisboa a bordo do brigue português *Benguella*, passando pelos portos de escala habitual. No mesmo barco seguia Roberto Ivens, um dos membros da Expedição à África austral, que adiante referiremos³¹. Em Maio de 1877 José Augusto anunciou num periódico luanense alugar a loja onde foi a oficina de Moraes & Irmãos, na Calçada velha (ou de Santo António), e onde agora tinha atelier fotográfico³². O aluguer dizia apenas respeito a uma parte

29. Verso de retrato de Charles Jeannest, Biblioteca Nacional de França, fundo da Sociéte de Geographie de Paris. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84499588/f2.item#>.

30. Foi o segundo filho de Abílio Simões da Cunha Moraes e de Carolina da Conceição. Nasceu a 21 de Março de 1855 em Coimbra (Arquivo da Universidade de Coimbra. Livro de baptismos de S. Bartolomeu de Coimbra de 1844-1859, fl. 75v-76), casou com Albertina Zuzarte de Mendonça, e faleceu no Porto no início da década de 1930, sem descendência; Centro Português de Fotografia. <http://digitarq.cpf.dgarq.gov.pt/details?id=1208252>.

31. *Boletim Oficial do Governo Geral da Provincia de Angola*, (1877, 8 de Setembro) 36, 575.

32. *O Mercantil*, (1877, 2 Maio) 442, 4 (informação de José Luís Madeira).

do espaço, uma vez que o atelier fotográfico continuará em funcionamento neste local por mais de uma década. Agora sob a sua administração, é o seu nome ou apenas o apelido Moraes que a partir dessa altura e até ao final do século XIX constará nas fotografias do seu estúdio de Luanda.

No seu conjunto, as estereoscopias da casa Moraes que datam entre cerca de 1869 e possivelmente até aos anos 80 apresentam uma diversidade significativa de marcas autorais, formas de legendagem, caligrafia e numeração, manuscrita ou impressa, escrita directamente sobre o cartão ou colada, o que nos diz que fizeram várias tiragens ao longo desse período. É importante esclarecer que esta diversidade de marcas e edições não nos permite esclarecer com segurança a sua autoria. O que é claro é que os autores são membros do estabelecimento e provavelmente da família, mas atribuí-la a este ou àquele pode ser enganoso. Para o fazer com segurança teríamos de ter em conta as datas da sua execução, por vezes difíceis de definir, e corroborá-la com base em documentação familiar. Apesar disso, correremos o risco de afirmar que numa fase inicial da produção estereoscópica do estabelecimento (ca. 1868-1876) as imagens estereoscópicas devem ser da autoria de Abílio da Cunha Moraes e/ou do seu filho mais velho Augusto César. O aparecimento do nome da viúva Moraes será apenas formal, como co-herdeira do estabelecimento, e não é provável que tenha fotografado. De acordo com correspondência familiar, José Augusto da Cunha Moraes não terá praticado fotografia estereoscópica, mesmo posteriormente a 1877, apesar de num conjunto de

estereoscopias de S. Tomé e de Angola aparecer um carimbo seco com o seu nome. Nesse caso poderão ter sido os seus irmãos mais novos Joaquim Júlio ou Alfredo Adelino a fazê-lo, acompanhando-o nas suas deslocações.

De Angola e da autoria dos Cunha Moraes, embora sem qualquer marca que os identifique, existe outra série de estereoscopias, montada em cartões de cor salmão (com verso cinza-bege ou lavanda) e legenda manual escrita a tinta no verso, ou a lápis na frente. Aparenta ser do período da segunda metade dos anos 70 e primeira metade dos anos 80. É provável que José Augusto tenha continuado a comercializar imagens estereoscópicas do arquivo familiar, e durante algum tempo editado novas imagens (Figs. 8-13), mas terá sobretudo investido na fotografia em grande formato. Participou e foi premiado em várias exposições internacionais com imagens fotográficas de Angola e de S. Tomé e Príncipe. José Augusto visitou mais do que uma vez S. Tomé e fotografou estas ilhas. Em 1883 o *Atelier Photographico de José Augusto da Cunha Moraes*, em Luanda, anunciou vender «albuns e colecções de vistas e costumes africanos de diferentes tamanhos, de toda a costa ocidental e interior d'Africa, desde *Landan* até *Mossamedes* e ilhas de S. Thomé e Príncipe». As suas imagens destas colónias foram reproduzidas e comentadas em diversas publicações. De Angola foi publicado o álbum *Africa Occidental: Album Photographico-Litterario*, com fotografias impressas em papel albumina (1882-1883), a obra *Africa Occidental: Album Photographico e Descriptivo* (1885-1888), em quatro volumes, com imagens impressas em fototipia,

ambos com uma componente literária, descritiva dos temas fotografados, e o *Album de Loanda, Angola* (1894)³³. Não é de excluir a possibilidade de nestas obras ter incluído algumas imagens do arquivo familiar, mas é mais provável que se trate na sua maioria de imagens obtidas no período posterior a 1877. Nalguns casos a semelhança aparente com imagens mais antigas resultará de ter voltado a fotografar alguns dos locais que já tinham sido registados no período inicial do estabelecimento familiar. Não lhe diminuindo o mérito na prosperidade do estabelecimento fotográfico, é de notar que, tanto quanto sabemos, a prisão do fotógrafo José Nunes da Silveira em Luanda no ano de 1878 deixou o seu *atelier* fotográfico sem concorrência comercial.

Em 1889 José Augusto da Cunha Moraes anunciou que a *Photographia Moraes* tinha acabado de se mudar para a Calçada Paiva de Andrade, n.º 17, em Luanda (antiga Calçada velha ou de Santo António, agora rebaptizada), um pouco acima do anterior atelier. Uma casa expressamente construída para alojar este atelier fotográfico «com todas as comodidades e em condições de se poder executar trabalhos com a máxima perfeição», onde anunciou a realização de um variado tipo de

imagens, sem qualquer referência a imagens estereoscópicas (Pereira, 2001, p. 157)³⁴. Talvez seja este o motivo por que desconhecemos imagens estereoscópicas do estúdio de José Augusto da Cunha Moraes montadas em cartões identificados no verso como *Photographia J. A. da Cunha Moraes*, com informação complementar e elementos decorativos, tal como aparecem nos seus retratos de estúdio dos anos 90. O facto sugere pouco interesse em investir na produção e comercialização deste tipo de imagens nesta época.

Em finais dos anos 80 e nos anos 90, o atelier de José Augusto da Cunha Moraes em Luanda devia estar pelo menos temporariamente entregue a um membro ou membros familiares próximos, provavelmente aos seus irmãos mais novos Joaquim Moraes³⁵ e Alfredo Moraes³⁶, que também o teriam mantido em funcionamento durante as viagens de José Augusto ao sul de Angola, a S. Tomé e Príncipe e a Portugal continental. Tendo já experiência fotográfica foram enviados pelo irmão ao interior de Angola para fotografar (Pereira, 2001, p. 159).

33. Photographia Moraes (1894). *Album de Loanda, Angola (Bidding, leilões*, Lisboa, leilão 19, 2015, 7 de Setembro, lote 550; Livraria Castro e Silva. <http://www.castroesilva.com/store/sku/1509JC012/fotografia-angola-sec-xix-album-de-loanda-angola>. Pasta com 16 fotografias impressas em papel albumina (21x28,7 cm, sobre papel de suporte de 36,5x43,7 cm).

34. *Anuario Commercial Portuguez - 1889*, (1889), 321. O anúncio onde se afirma terem acabado de mudar voltou a ser publicado no mesmo ano (*Anuario Commercial ou Anuario Official de Portugal, Ilhas e Ultramar [...] - 1899*. [S.n.], 1314), baseando-se na correspondência familiar, documenta a data de mudança da residência familiar para este novo edifício e atelier fotográfico no ano de 1892.

35. Joaquim Júlio da Cunha Moraes foi o quinto filho de Abílio Simões da Cunha Moraes e de Carolina da Conceição. Nasceu em Luanda em 1865 e faleceu em Crestuma (Vila Nova de Gaia) em 1963. Em Angola foi Condutor de obras públicas de 1.ª classe dos caminhos de ferro. É provável que também tenha acompanhado a sua execução. Joaquim Moraes também exerceu actividade como fotógrafo independente. Casou com Matilde Zuzarte de Mendonça irmã de Albertina Zuzarte de Mendonça, mulher do seu irmão José Augusto, de quem teve descendência.

36. Alfredo Adelino da Cunha Moraes foi o filho mais novo de Abílio Simões da Cunha Moraes e de Carolina da Conceição. Nasceu em Luanda e não gozou de boa saúde tendo falecido novo, sem geração.



Fig. 8 Cunha Moraes (atrib.) – Desfiladeiro do rio Quicombo-Cubai, junto à sua foz. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 9 Cunha Moraes (atrib.) - Trabalhadores da plantação Santa Isabel, Quicombo. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 10 Cunha Moraes (atrib.) – Ambriz. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 11 Cunha Moraes (atrib.) - Rio Cavaco. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 12 Cunha Moraes (atrib.) – Catumbela. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 13 Cunha Moraes (atrib.) - Novo Redondo. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 14 J. Silveira (Luanda) - Grupo de carregadores. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 15 J. Silveira (Luanda) – Quitanda (mercado) em Luanda. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 16 J. Silveira (Luanda) - Casa na praça Pedro Alexandrino. Estereoscopia sobre papel. Col. Luís M. Pereira.



Fig. 17 J. Silveira (Luanda) - Estátua de Salvador Correia de Sá, Luanda. Estereoscopia sobre papel. Col. Luís M. Pereira.



Fig. 18 J. Silveira (Luanda) – Jardim de casa com fonte. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.



Fig. 19 J. Silveira (Luanda) - Traseiras de casa com jogo de bowling. Estereoscopia sobre papel. Col. do autor.

semelhanças com um outro conjunto razoável de imagens estereoscópicas de Angola existentes no Centro Português de Fotografia. Estas também foram atribuídas à casa Moraes e aparentam ser já de finais do século XIX. É possível que também sejam de Joaquim Moraes³⁸. São imagens instantâneas obtidas em Catumbela e aparentemente em Luanda, impressas em papel de gelatina e saís de prata já no século XX, e formalmente muito diferentes das imagens estereoscópicas da casa Moraes anteriores aos anos 80. Apesar da mudança que o contexto cultural e a evolução técnica permitem operar no registo do olhar e na estética fotográfica, é provável que o seu autor não seja o mesmo dessas estereoscopias mais antigas. O facto de não encontrarmos no mercado da fotografia antiga estas imagens estereoscópicas mais recentes sugerem a possibilidade de não terem sido comercializadas.

Segundo carta ao irmão Augusto César, José Augusto vendeu todos os seus bens em Angola em 1899 e viajou para Lisboa (Pereira, 2001, p. 174). Joaquim Moraes terá vindo definitivamente para a metrópole em 1901 (Castelo Branco, 2006).

Não temos conhecimento da reedição de imagens estereoscópicas do arquivo Moraes pelos sucessores no seu estúdio fotográfico.

O fotógrafo J. Silveira, Luanda 1869-1878

Outro praticante da fotografia estereoscópica em Angola foi o fotógrafo luso-americano José Nunes da Silveira que

mantivera actividade fotográfica em Lisboa desde 1859, tendo tirado retratos estereoscópicos no seu estúdio e realizado um significativo conjunto de vistas de Lisboa e de Sintra. Em Janeiro de 1867 vendeu o recheio do seu estúdio e subalugou-o a João Pereira da Costa Lima, que ali instalou a *Photographia Lusitana*. Em Abril do mesmo ano foi detido com a acusação de falsificação de moeda. Julgado, veio a ser condenado ao degredo perpétuo e trabalhos públicos para toda a vida, em Março de 1869. Em Abril do mesmo ano, partiu para Angola no paquete *D. Antónia*, tendo chegado a Luanda no dia 4 de Maio. O seu irmão Joaquim Goulart da Silveira também condenado ao degredo pelo seu envolvimento no mesmo crime seguiu-o para a mesma colónia. Em Luanda, José Nunes da Silveira abriu um novo estabelecimento fotográfico na rua D. Miguel de Melo, situada no centro urbano e próxima do estabelecimento de Abílio da Cunha Moraes.

As imagens estereoscópicas e noutros formatos obtidas por José Nunes da Silveira em Angola estão normalmente identificadas com um carimbo seco com o nome *J. Silveira* dentro de um rectângulo (Figs. 15-19) e/ou com o nome *Silveira* inscrito manualmente no negativo (Figs. 15 e 17). Em imagens não identificadas desta forma, os elementos decorativos característicos do seu estúdio, como o tapete com o seu padrão, ajudam na identificação do seu autor (Fig. 14). As imagens estereoscópicas de Angola que dele conhecemos foram obtidas na cidade de Luanda. Retratou tipos e costumes indígenas, paisagens urbanas, membros da sociedade

38. Centro Português de Fotografia (Lisboa). Coleção José Cayolla. <http://digitarq.cpf.dgarq.gov.pt/details?id=1208252>. Pertenceram a outro ramo de descendentes de Joaquim Moraes, embora o facto em si não seja decisivo no que a autoria se refere, uma vez que Augusto César e José Augusto não tiveram descendência e o seu espólio podia ter sido herdado por este ramo.

colonial bem como as suas casas, incluindo os espaços mais reservados.

Em 1878, os irmãos Silveira foram novamente detidos, desta vez por falsificar notas do Banco Nacional Ultramarino. Tudo indica que a actividade do seu estabelecimento terá cessado nesta data.³⁹

Outros praticantes de fotografia estereoscópica em Angola

Além das imagens realizadas pelos estabelecimentos das famílias Cunha Moraes e Silveira apenas temos breve notícia da prática da fotografia estereoscópica por dois outros fotógrafos com prática comercial no início do século XX: João António Calleia e João Lucas Carreira.

Em 1906-1907, João António Calleia, residente no Bailundo e também activo em Novo Redondo, no distrito de Benguela, identificou-se como fotógrafo amador mas manteve a actividade comercial dos profissionais. Num período em que a fotografia estereoscópica ganhou um novo alento e a sua prática se expandiu, anunciou «stereoscopos e vistas stereoscopicas» entre uma diversidade de serviços fotográficos. A redacção

do anúncio deixa-nos na dúvida se as vistas estereoscópicas eram da sua autoria ou se apenas as comercializava⁴⁰.

Na primeira década do século XX encontramos outro praticante de fotografia estereoscópica em Angola. Trata-se de João Lucas Carreira, natural de Lisboa e afilhado do fotógrafo Lucas de Almeida Marrão⁴¹. Surge-nos em Lisboa em 1890 com a actividade de telegrafista⁴². Em 1906, encontramos-lo como gerente do estabelecimento fotográfico da firma Torres & Torres, em Benguela, e em 1911 consta como fotógrafo independente na mesma localidade. Ainda no mesmo ano de 1911, encontramos-lo activo em Luanda com a *Photographia Lusitana*⁴³. Voltamos a ter notícia da sua presença em Portugal em 1912, e em 1916 agora exercendo a actividade de empregado comercial⁴⁴. Fez fotografia estereoscópica em Benguela e em Portugal continental. Conhecemos imagens estereoscópicas de Angola com as marcas «João L. Carreira / Benguella», a branco, e «Torres & Torres / Benguella» a ouro, ambas sobre cartões cinzentos encurvados. Do trabalho estereoscópico de João Lucas Carreira apenas conhecemos vistas e imagens instantâneas de acontecimentos, obtidas entre cerca de 1907 e 1911. Carreira também editou bilhetes postais a partir de fotografias suas de Lobito (Angola) e de Pinhel (Beira Alta), em datas posteriores a 1910.

39. O autor deste texto está a preparar uma publicação com o percurso de vida e obra deste fotógrafo.

40. *Almanach Palhares [...] 9.º ano - 1907*. (1906), 179 e 845.

41. Arquivo Distrital de Lisboa. Registos paroquiais de Santa Isabel, l.º de baptismos de 1872-1878, fl. 7, reg. n.º 277.

42. Arquivo Distrital de Lisboa. Registos paroquiais de Santos-o-Velho, Lisboa, l.º de casamentos de 1890, fls. 63v-64, reg. n.º 111.

43. *Anuario Commercial de Portugal [...] 1906*, tomo 2, 2091; *Anuario Commercial de Portugal [...] 1907*, tomo II, 2237; *Anuario Commercial de Portugal [...] 1908*, tomo II, 2286; *Anuario Commercial de Portugal [...] 1909*, tomo II, 2659; *Anuario Commercial de Portugal [...] 1910*, tomo II, 2881; *Anuario Commercial de Portugal [...] 1911*, tomo II, 3004 e 3012.

44. 1.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, l.º de casamentos de 1916, 11 Nov. a 31 Dez., fl. 45-45v, reg. n.º 45.

Conclusão

A prática da fotografia estereoscópica comercial em Angola durante o século XIX e início do século XX está documentada na actividade profissional de alguns membros da família Cunha Moraes, sem dúvida os que têm uma produção mais significativa, tanto em termos de território abrangido como na quantidade de imagens e âmbito cronológico (1867-1890s). Fotografaram temas muito diversos, mas em estereoscopia apenas conhecemos vistas, frequentemente incluindo colonizadores e indígenas, e retratos de grupo no exterior. Do fotógrafo José Nunes da Silveira, apenas temos documentadas vistas e grupos de indígenas obtidas em Luanda entre cerca de 1869 e 1878, embora saibamos que viajou pela costa angolana. Mais abrangente e sistemático do que o trabalho de Silveira, o da família Cunha Moraes, em particular o que data dos anos 70 e 80, sob a direcção de José Augusto, membro da Sociedade de Geografia de Lisboa, certamente informado dos nossos projectos africanos, documenta amplamente o esforço colonizador português. A produção de ambos constitui um valioso espólio documental para o conhecimento da imagem desta antiga colónia portuguesa. À excepção da prática estereoscópica destes dois fotógrafos e/ou familiares seus no quadro dos seus estabelecimentos fotográficos, apenas conhecemos os casos de João António Calleia e de João Lucas Carreira, ambos de menor relevância e até ao momento escassamente documentados.

Bibliografia

- Araújo, N. B. (2007). *Primeiros fotógrafos em Luanda*. APFH - Associação Portuguesa de Photographia. <http://apphotographia.blogspot.com/2007/02/blog-post.html>.
- Araújo, N. B. (2008). Portugal, in Hannavy, J. (Ed.) *Encyclopedia of Nineteenth-Century Photography* (vol. 2, 1151-1154). Routledge Reference (Taylor & Francis Group).
- Araújo, N. B. (2014). Fotografia científica em Angola no último quartel do século XIX: o caso do naturalista José de Anchieta. In Vicente, Filipa Lowndes (Ed.) *O Império da visão: fotografia no contexto colonial português (1860-1960)* (pp. 171-181). Edições 70.
- Birmingham, D. (2015). *Breve história da Angola moderna (séc. XIX-XX)*. Guerra e Paz.
- Dias, Jill, R. (1991 [1988]). Photographic sources for the History of Portuguese-speaking Africa 1870-1914. *History of Africa*, 18, 67-82.
- Castelo Branco, Â. C. (2006). *Os Cunha Moraes de fio a pavio*, http://grandmonde.blogspot.com/2006_11_01_archive.html.
- Heintze, B. (1990). In pursuit of the chameleon: early ethnographic photography from Angola in context. *History of Africa*, 17, 131-156.
- Heintze, B. (2000). Representações visuais como fontes históricas e etnográficas sobre Angola. In *Actas do II seminário internacional sobre a história de Angola [...]*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Jeannest, C. (1883). *Quatre années au Congo*. G. Charpentier et C.^{ie}, Éditeurs. <http://pt.calameo.com/read/000061616b325756f31a2>.
- Marques, A. H. O. (1976). *História de Portugal* (3.^a ed.). Palas Editores.

Monti, N., & Vicente, A. P. (1991). *Cunha Moraes: viagens em Angola, 1877-1897*. 11.ºs Encontros de Fotografia.

Moraes, J. A. C., & Ferreira, F. S. [1882-1883]. *Africa Occidental: Album Photographico Litterario*. [S.n.].

Moraes, J. A. C. (1885-1888). *Africa Occidental: Album Photographico e Descritivo* (4 vol.). David Corazzi.

Pereira, M. F. S. G. (2001). *Casa fotografia Moraes: a modernidade fotográfica na obra dos Cunha Moraes*. Dissertação de mestrado em História da Arte apresentada à FLUP. Universidade do Porto.

Santos, M. E. M. (1988). *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África* (2.ª ed.). Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica Tropical.

Sena, A. (1998). *História da imagem fotográfica em Portugal, 1839-1997*. Porto Editora.

Serén, M. C. (2006). *Memórias de uma memória*. Centro Português de Fotografia.

Teixeira, M. F. (2017). *Companhia de Fiação de Crestuma: do fio ao pavo*. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em História Contemporânea na Faculdade de Letras - Universidade do Porto.

Vicente, F. L., & Ramos, A. D. (2023). Caught on camera: an introduction to photography in Portuguese colonial Africa. In Vicente, F. L., & Ramos, A. D. (Eds.), *Photography in Portuguese colonial Africa 1860-1975* (pp. 1-64). Springer International Publishing.